

Introdução

Arte, clínica, ciência e património: a propósito do Desterro

No centro da cidade de Lisboa, num recinto que agrega um antigo convento, um palácio, vários anexos, pavilhões e outros equipamentos de apoio, onde hoje funciona o Hospital de Santo António dos Capuchos (um dos quatro hospitais que constituem o Centro Hospitalar de Lisboa Central, popularmente conhecido como Hospitais Cíveis de Lisboa, ou HCL), conserva-se uma singular colecção de peças, artefactos, folhetos de propaganda e literatura médica ligada à dermatologia e venereologia em Portugal. Na sua grande maioria, as peças provêm do recentemente desactivado Hospital do Desterro, onde integravam um pequeno núcleo museológico conhecido como «Museu da Dermatologia Portuguesa – Dr. Sá Penella», em referência ao médico que tanto impulso deu à dermatologia em Portugal, que dirigiu um grande serviço de dermatologia no Hospital do Desterro de 1933 a 1955, e a quem se deve a existência do espólio em questão. A este já tinha sido incorporado, no início dos anos 1970, um conjunto menor de peças provenientes do serviço de dermatologia do Hospital dos Capuchos, feitas sob encomenda de Caeiro Carrasco.

Se as peças se conservaram para além da desafecção do Hospital do Desterro, em 2007, foi sobretudo graças ao empenhamento do Dr. João Carlos Rodrigues, também ele médico do Desterro e, como se verá nalguns dos textos incluídos neste volume, um apaixonado pela história da dermato-venereologia em Portugal e um incansável defensor do património que a ela está associado. Falecido prematuramente em 2009, o Dr. João Carlos Rodrigues fez tudo o que estava ao seu alcance para que o património do Desterro fosse preservado, estudado e divul-

gado; e assim inspirou um conjunto de voluntários que prolongaram o seu trabalho e cuidaram do espólio, albergando-o no Salão Nobre do Hospital dos Capuchos, com o apoio da sua administração.¹ Esta dinâmica, por sua vez, inspirou uma equipa de universitários que se associou com um projecto de história da ciência envolvendo a musealização da colecção, o estudo das peças e a exploração dos contextos sociais em que se consolidou a vertente de assistência em dermato-venereologia no Desterro.² Este volume é o resultado combinado dessas várias sinergias e, naturalmente, dedicamo-lo à memória do Dr. João Carlos Rodrigues.³ Intercalamos os seus textos nos nossos, resultantes de estudos mais recentes na colecção e outros fundos documentais. Não encerrando os assuntos, propomos com este conjunto reunir várias perspectivas sobre a história da dermato-venereologia em Portugal, seus factos, figuras, equipamentos e contextos, dando particular atenção à colecção que hoje está disponível ao público.

A primeira parte do livro traz-nos uma detalhada história do Hospital do Desterro (Capítulo 2, de Luiz Damas Mora), situando-a na história mais geral da assistência em Lisboa (Capítulo 1, de António Matoso) e das sucessivas eras marcadas pelo grande hospital renascentista de Todos-os-Santos, no Rossio, mais tarde pelo também monumental São José, antigo colégio jesuíta de Santo Antão-o-Novo, e seus anexos, que entretanto evoluíram, com a República, para Hospitais Civis de Lisboa. Incluímos ainda nesta secção uma cronologia dos factos e figuras da dermatologia portuguesa (Capítulo 3, com textos de João Carlos Rodrigues).

¹ Saliente-se o envolvimento de Celia Pilão, administradora do Centro Hospitalar; de Luiz Damas Mora, médico e presidente da Comissão do Património Cultural; dos médicos dermatologistas do Hospital do Desterro, José Prates, Canelas da Silva, Carlos Sousa e Margarida Apetato; de vários voluntários e associados a este trabalho, como Antonio Matoso, autor de vários trabalhos da história da assistência; Sandra Tacão, artista plástica e voluntária há vários anos; Conceição Rodrigues, conservadora e profissional de restauro; Rosa Reis, fotógrafa; Carlos Reis, o primeiro voluntário do património; e ainda muitos outros que de algum modo contribuíram neste processo.

² O projecto *A ciência, a clínica e a arte da sífilis no Desterro* foi apoiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (HC/0071/2009) na área de História da Ciência, e é coordenado por Cristiana Bastos, antropóloga do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, tendo como colaborador principal António Perestrelo de Matos, museólogo e especialista em património, e o envolvimento efectivo de vários outros universitários, que generosamente contribuíram para este volume com textos originais.

³ Expressamos aqui o nosso agradecimento a Michaela Morbey pela disponibilização dos textos do Dr. João Rodrigues.

Dentro do conjunto de peças que constituem o espólio do Desterro seleccionamos a colecção de moldagens em cera como o seu núcleo central e dedicamos-lhe a segunda parte deste volume, intercalando uma pequena nota de João Carlos Rodrigues sobre o Museu Sá Penella. Apresentamos sucessivamente as questões envolvidas na musealização das ciências médicas (Capítulo 4, de Ana Delicado), no uso da ceroplastia para representação do corpo saudável e enfermo (Capítulo 5, de Cristiana Bastos), na criação e musealização destas peças (Capítulos 6 e 7, de António Perestrelo), e no respectivo restauro (Capítulo 8, de Conceição Ribeiro). Junto com outras componentes (espólio fotográfico, bibliográfico, panfletário, instrumental), estas peças constituem hoje a colecção visitável alojada no Salão Nobre do Hospital dos Capuchos.

As moldagens (*moulages*), modelagens, ou simplesmente «ceras» do Desterro somam várias dezenas de peças representando partes do corpo humano com sinais visíveis de lesões dermatológicas, muitas das quais imputáveis à sífilis e a outras doenças venéreas, na terminologia antiga, ou, na terminologia de hoje, sexualmente transmissíveis. A visão das peças perturba quem desprevenidamente as encontra, suscitando o misto de curiosidade e repulsa que Thomas Schnalke, ao analisar colecções equivalentes da Alemanha, Áustria, França e Inglaterra, refere como *Schaulust*.⁴ Por um lado, são belíssimas peças de arte, de um realismo extremo. Por outro, são quase repugnantes, pelo que representam de lesões, feridas e deformações que muitas vezes remetem para estados extremos de sofrimento e decadência física.

Vagamente parecidas com os ex-votos de cera que noutros tempos povoavam as igrejas e ainda hoje proliferam junto à estátua de Sousa Martins, a poucos metros dali e equidistante entre o Desterro e os Capuchos, estas não são umas peças de cera quaisquer. Não são apenas braços, pernas, cabeças, pescoços, troncos, faces, narizes, nádegas, seios, pénis, vaginas; são aliás os órgãos sexuais que aqui dominam, enquanto não existem nas igrejas, de onde o sexo é eclipsado, ou são raros entre as ceras que encarnam os votos, pedidos e graças junto à estátua de Sousa Martins. O culto ou endeusamento dos órgãos sexuais, tão comum noutros lugares e épocas – dos *lingham* hindus aos menires neo-

⁴ Schnalke aponta ainda que Freud imputava o *schaulust* à comparação, ao envolvimento entre o observador e o observado, e associadas elaborações de vulnerabilidade – Schnalke, *Diseases in Wax...*, 204.

líticos europeus –, não tem lugar nas religiões contemporâneas de Lisboa, a não ser na do comércio. Na Lisboa contemporânea os artefactos sexuais não são de cera, nem de barro, nem estão em lugares sagrados, mas nas lojas de artigos eróticos, formando como que um anel que circunda o conjunto dos hospitais, tal como no passado o faziam os bordéis e outros lugares de sexo de passagem. Ocasionalmente aparece nos lugares sagrados a representação dos seios, evocando, não o erótico, mas um tumor ou um problema de aleitamento. E mesmo esses, quando aparecem, estão limpos, uniformes, cor de parafina, estandardizados, idealizados, genéricos.

Já os modelos da colecção do Desterro são amplamente coloridos, terrivelmente realistas, e reportam-se a tudo menos casos genéricos: são a representação fiel de um caso particular de lesão, afecção, sintoma. Não são de quaisquer órgãos sexuais, e estão talvez no extremo oposto daqueles que se vendem nas lojas eróticas da vizinhança. São precisamente os que a doença deformou, inchou, mirrou, devorou, escarificou; são aqueles que corporificam os efeitos da sífilis e que se tornaram objecto de atenção da medicina, não apenas para tratamento, mas para estudo. E de tão importantes para o estudo, tornaram-se também objecto de arte – a arte da moldagem em cera, ou *moulage*. Uma arte que se reporta a um caso único, como um retrato de pessoa, precisamente no extremo oposto da produção em massa de ceras votivas, feitas em série e a partir de moldes padronizados para o órgão ou parte do corpo sobre o qual incide a prece. As ceras do Desterro são todas únicas, feitas por artistas plásticos e a partir de casos reais. É por isso que lhes damos o destaque de dois portfolios que recorrem a uma artista contemporânea, a fotógrafa Rosa Reis. O primeiro, dedicado a uma selecção de ceras representando momentos da sífilis; o segundo, com as peças que remetem para os casos clínicos tratados em artigos científicos e cujos elos conseguimos traçar.

Estas peças foram moldadas a partir de pacientes concretos, ao vivo, sobre a sua pele, cristalizando um momento da sua lesão ou lesões, intemporalizando-as pela arte aplicada a fins didactico-científicos. Cada peça remete para um paciente real, mas também para o encontro desta pessoa com a medicina, desdobrada em inúmeras componentes: os médicos, o saber especializado, o saber genérico, os cuidados de saúde, as terapias fornecidas, o regime seguido, o hospital, a consulta, o internamento. Nalgum momento o encontro daquele paciente com as instituições médicas redundou num acto de criação; foi o momento em que a

sua lesão foi considerada suficientemente importante, original, ilustrativa, didáctica, para ser imortalizada pelo molde. Para trás desse momento esteve uma vida e, em muitos dos casos, momentos de sexualidade que trouxeram àquele corpo a infecção que redundaria naquelas marcas; na conjugalidade, nos prostíbulos, nas embarcações, nos vãos de escada, por consentimento, desejo, comércio ou acto violento, alguns destes actos sexuais redundaram em sífilis e esta em lesões, estas lesões em objectos de conhecimento, estes objectos de conhecimento em objectos artísticos.

Aos constatar este processo, a pesquisa leva-nos a almejar fazer o caminho inverso, da cera para quem esteve a seu montante, incluindo os pacientes que serviram de molde, os artistas, as suas técnicas e arte, os médicos que as encomendaram e sobre elas escreveram, a literatura que se gerou, antes e depois, as consultas e as enfermarias onde chegavam. Se nalguns casos chegamos ao indivíduo, que por vezes conhecemos, em doente com pseudónimo, ou artista identificado ou por identificar, não é esse, porém, o principal objectivo; queremos, sim, atingir o ambiente social, clínico, artístico, científico e ideológico em que se implantou o Desterro e que levou a que, nas décadas de 1930-40, se produzissem aquelas obras únicas.

E é assim que, na terceira parte deste volume, procuramos chegar ao mundo em que ocorria a sífilis e onde veio a ter lugar o seu estudo, tratamento e representação. Esse ambiente leva-nos às enfermarias, à polícia, aos prostíbulos, à regulamentação, às ideologias em causa, aos tratamentos disponibilizados e aos mecanismos de propaganda usados na profilaxia. Abordaremos o interior da clínica, tentando conhecer quem era compulsivamente internado nas enfermarias de meretrizes (Capítulo 9, de Cristiana Bastos e Rita Carvalho) e quem frequentava a consulta ambulatória coordenada por Thomaz de Mello Breyner, que sintomas e histórias de infecção lá levava, que tratamentos recebia (Capítulo 10, de Cristiana Bastos); para finalizar, abordaremos os modos como era promovida a profilaxia das doenças venéreas fazendo uso de materiais de propaganda existentes na colecção visitável (Capítulo 11, de Célia Pilão e Sandra Tacão), e ampliamos a dimensão da discussão através de uma análise das políticas de prevenção e saúde pública na República e no Estado Novo que envolveram, em dadas alturas, campanhas organizadas de propaganda a que não faltou o uso do design e de técnicas de divulgação modernas (Capítulo 12, de Mónica Saavedra e Luís Saraiva).

Cristiana Bastos

Não esgotando o tema, abrimos para mais discussões e análises o fascinante campo da dermato-venereologia em Portugal, o pouco conhecido uso de moldagens de cera para efeitos de estudo, investigação e ensino, e ainda o conjunto de dispositivos de profilaxia desenvolvidos e aplicados no século XX.